VER E REVER, A ARTISTA JULIANA HOFFMANN E O ENTORNO PANDEMICO[1]

Andrey Parmigiani da Silva [2], Rosângela Miranda Cherem [3], Karoline Silva [4], Thamyres Franco [5], Luiza Melo [6], Vitória Martins [7]

[1] Vinculado ao projeto "Acervos e arquivos em Santa Catarina. Implicações e conexões."
[2] Acadêmico (a) do Curso de Bacharel em Artes Visuais – CEART – Bolsista PIVIC/UDESC
[3] Orientador, Departamento de Artes Visuais – CEART – rosangelamcherem@gmail.com
[4] Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CEART
[5] Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CEART
[6] Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CEART
[7] Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CEART

O esforço de aproximação das obras de Juliana Hoffmann (Concórdia-SC, 1965, vive e trabalha em Florianópolis) pode nos trazer questões bastante intrigantes. Frequentando seu ateliê, examinando seu acervo e procurando compreender a singularidade de seu arquivo visual, logo podemos constatar: suas imagens nada parecem revelar, ilustrar, traduzir. Então, a pergunta que logo se destaca é: no que consiste seu gesto? Qual é a singularidade intransferível que lhe pertence?

Figura 1. Sem título, 2019. Técnica: acrílica sobre tela. Dimensão: 110x150cm. Juliana Hoffmann.

Adentrar este espaço foi algo semelhante a percorrer uma trilha de mata fechada, só que, no lugar de árvores ancestrais, um acervo com obras premiadas e outras ainda em construção. Observar e conhecer os detalhes de cada uma delas implicou também poder conversar, perguntar e ouvir a artista, reconhecendo como formou seu repertório, a trajetória em que constituiu a imparidade de seu arquivo. Também demandou um esforço para ouvir aspectos reveladores de elaborados processos feitos de inquietações e escolhas.

Os trabalhos considerados nesta pesquisa prioriza o conjunto de obras apresentadas na Galeria Helena Freta numa exposição intitulada Sobre Viventes, os quais foram organizados em três grandes blocos: pinturas com tinta acrílica sobre tela; fotografias impressas sobre páginas de livros antigos em caixas de luz; s múltiplos com impressões em *fine art* e sobre acrílico.

A partir destes conjuntos é possível estabelecer algumas interlocuções conceituais. Em primeiro lugar, o entendimento sobre o que é ser contemporâneo, tal como formulado por Giorgio Agamben (2009): para ser o contemporâneo é preciso recusar o excesso luminoso que

fascina e confunde o olhar, não deixar-se deslumbrar pela abundância de luzes deste tempo, é preciso estar atento e sensível às pequenas e frágeis luzes, tal como as estrelas que podem ser vistas à noite ou aquelas pequenas formas que cintilam em meio à penumbra. Este entendimento também se apresenta em Didi-Huberman (2011), ao abordar os vagalumes como pequenos sobreviventes que só existem fora dos holofotes e tumultos urbanos, deixando-se ver apenas na limpidez atmosférica noturna.

O que isto tem a ver com Juliana Hoffmann? Para começar, é preciso reconhecer que suas paisagens mais recentes apresentam uma figuração enigmática, uma espécie de cenário onírico, afirmado com uma intensidade noturna. Suas árvores parecem cintilar através de uma noite, onde reinam em silencio e isolamento, absolutas e misteriosas. Um primeiro olhar faz pensar que a escuridão do presente parece tomar conta de suas obras, mas o que são aquelas manchas vibrantes? O que são aqueles pequenos pontinhos translúcidos como poros transpirando? Assim, suas obras escondem e revelam, a sobrevivência destes seres constantemente ameaçados pela ação humana. Aos poucos vamos compreendendo as sutilezas: a artista não recria a realidade ofuscada pelos holofotes, mas demanda uma coragem para olhar através de uma pequena e teimosa chama, onde podemos nos ver não como senhores, mas como parte dos seres vivos, todos habitantes de um mesmo planeta que não existe para que possamos explorá-lo e dominá-lo. Através destas formas bruxuleantes, somos levados a perceber que aquelas teimosas árvores estavam aqui antes de nós e que permaneçam depois de nós.

Por que voltar o olhar para a obra de Juliana Hoffmann um ano depois de sua exposição individual intitulada Sobre Viventes na Galeria Helena Fretta? Neste intervalo de tempo, localizado entre a estreia da exposição em agosto de 2019 até agosto de 2020, a humanidade precisou entrar em quarentena e descobrir como conviver com um vírus pandêmico. Na publicação *Sopa de Wuhan*, filósofos contemporâneos começaram a escrever pequenos artigos trazendo suas compreensões do momento, expondo duras críticas ao sistema político, econômico e social vigente na maior parte do planeta. Franco Bifo Berardi (2020) reflete que o vírus que nos afeta, age como uma espécie de autodefesa do sistema imunológico terrestre, o que faz muito sentido, pensando nós humanos como uma grande colônia viral e inflamatória destruidora de tudo aquilo que é natural sobre a Terra incluindo si mesma. Ao que parece, muitas destas preocupações ambientais persistem nos trabalhos de Juliana Hoffmann, fazendo parte constitutiva de seu olhar atento ao entorno e sensível para as relações do humano com e no meio onde vive. Bem verdade que tal preocupação pode ser observada desde seus primeiros desenhos: os animais, a vegetação e a paisagem urbana, todos eles afetados pelas escolhas, soluções e respostas imediatistas e pouco consequentes em termos de resultados ambientais à médio e longo prazo.

Ao processar os elementos ambientais em seu trabalho, a artista revela seu modo de existir numa sintonia entre o micro e o macro, o espaço casa- lar, cidade- lar e mundo-lar. Eis, enfim, seu gesto fundamental e materializador. Porém, não se trata generalizar, reduzir sua criação a uma ilustração do presente, tradução do desastre ambiental ou mero reflexo do seu tempo. Considerando o conjunto das obras e procurando reconhecer o que persiste, constatamos a recorrência destas preocupações que agora parecem nos implicar mais direta e explicitamente. Cada obra parece murmurar uma pequena predição, escapando do momento em que foi para chegar até nós com uma incompreensível atualidade.

Palavras-chave: Artista. Arquivo. Floresta.